

SUSTENTADO POR SAFRA RECORDE NO CAMPO, PIB DO AGRONEGÓCIO TEM ALTA MODESTA NO PRIMEIRO TRIMESTRE

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), apresentou ligeiro avanço de 0,19% no primeiro trimestre de 2023 (Tabela 1). Esse resultado modesto reflete comportamentos opostos em termos de preços e volumes. Por um lado, o crescimento do PIB foi sustentado pela safra recorde no campo – que, por sua vez, se reflete também em uma maior movimentação de agrosserviços no País. Por outro, o desempenho do indicador foi prejudicado pelo movimento de preços desfavorável ao setor. Como será discutido ao longo desse relatório, houve reduções de preços frente ao primeiro trimestre de 2022 para vários dos principais produtos agropecuários e agroindustriais.

Pela perspectiva dos ramos do agronegócio, os cenários foram de pequeno crescimento para o agrícola (0,66%) e queda para o pecuário (-1,09%) no primeiro trimestre. Já entre os segmentos do setor, no primeiro trimestre, o PIB cresceu para o primário (1,38%), permaneceu praticamente estável para a agroindústria (0,11%) e os agrosserviços (0,15%), e recuou para os insumos (-4,19%). O desempenho dos insumos (agrícola e pecuário) foi impactado pela queda do valor bruto da produção de indústrias do segmento, pressionado sobretudo pelas desvalorizações de preços dos fertilizantes, defensivos e rações.

Tabela 1. PIB do Agronegócio: Taxa de variação acumulada no primeiro trimestre de 2023 (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-4,19	1,38	0,11	0,15	0,19
Ramo agrícola	-5,08	2,44	0,45	0,74	0,66
Ramo pecuário	-1,43	-0,47	-1,38	-1,50	-1,09

Fontes: Cepea/USP e CNA.

No caso do segmento primário agrícola, a elevação de 2,44% do PIB refletiu sobretudo as excelentes perspectivas para a safra 2023. A expansão não foi maior devido à queda dos preços médios reais de importantes produtos agrícolas, com destaques negativos para algodão, café, milho, soja e tomate. Já no primário pecuário, a ligeira queda do PIB decorreu do menor valor da produção esperado para o ano, mesmo em um cenário de alívio dos custos com insumos. Essa queda do valor da produção reflete os menores preços de bovinos e aves de corte na comparação trimestral, uma vez que se projeta expansão de produção para todas as atividades pecuárias acompanhadas – sendo o leite a única exceção.

Para o PIB do segmento agroindustrial, a expansão modesta no trimestre decorreu de crescimento para as agroindústrias de base agrícola (0,45%) e redução para as de base pecuária (-1,38%). Na indústria agrícola, o PIB cresceu sobretudo devido a uma redução de custos com insumos, tendo em vista que a produção industrial registrou queda modesta e os preços dos produtos também caíram (com destaques negativos para o etanol, os produtos de madeira e o café industrializado). Na indústria pecuária, apesar da maior produção estimada de carnes para o ano, o PIB também foi pressionado pelo comportamento desfavorável dos preços, sobretudo da carne e do couro bovinos.

Por sua vez, os resultados dos agrosserviços refletem os comportamentos dos segmentos a montante em cada ramo. No ramo agrícola, o crescimento dos agrosserviços (0,74%) decorreu sobretudo do desempenho agrícola dentro da porteira. No ramo pecuário, ao contrário, o PIB dos agrosserviços recuou (1,50%), em linha com as reduções observadas dentro e fora da porteira no ramo.

Considerando os desempenhos do agronegócio, seus ramos e seus segmentos no primeiro trimestre, a Tabela 2 apresenta as estimativas para os valores monetários anuais do PIB em 2023. Com base nesse desempenho parcial, o PIB do agronegócio brasileiro pode alcançar R\$ 2,65 trilhões em 2023, sendo 1,95 trilhão no ramo agrícola e 699,5 bilhões no ramo pecuário (a preços do primeiro trimestre de 2023).

Tabela 2. PIB do Agronegócio, seus ramos e segmentos (em R\$ milhões do primeiro trimestre de 2023*) - 2022 e estimativas para 2023 com base em informações até março

		PIB (em R\$ milhões reais*)	
		2022	2023*
Agronegócio	Insumos	193.107	162.707
	Primário	719.456	760.015
	Agroindústria	606.377	609.040
	Agrosserviços	1.113.343	1.120.132
	Total agronegócio	2.632.282	2.651.894
Ramo agrícola	Insumos	148.118	120.233
	Primário	449.405	494.994
	Agroindústria	490.476	499.397
	Agrosserviços	813.420	837.777
	Total ramo agrícola	1.901.419	1.952.401
Ramo pecuário	Insumos	44.989	42.475
	Primário	270.051	265.021
	Agroindústria	115.901	109.642
	Agrosserviços	299.923	282.355
	Total ramo pecuário	730.863	699.493

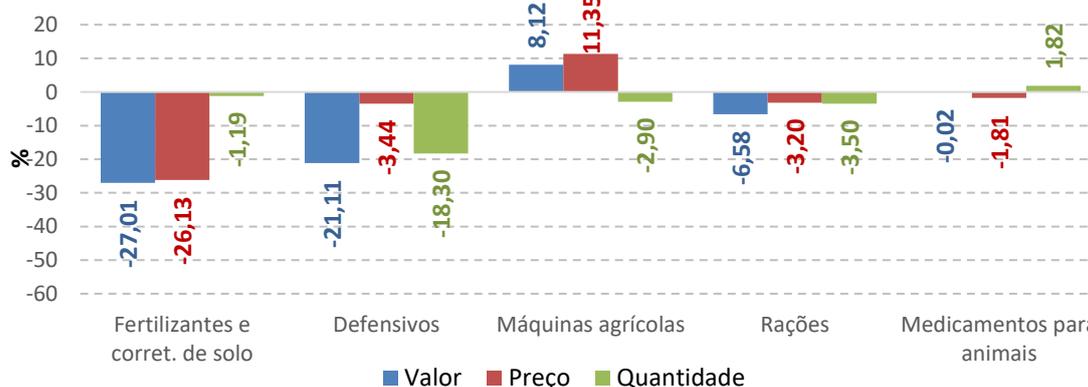
Fontes: Cepea/USP e CNA. *Valores deflacionados pelo deflator implícito do PIB.

Por sua vez, considerando esse desempenho e o comportamento do PIB brasileiro no período, estima-se que a participação do setor na economia fique próxima de 24,5% em 2023, pouco abaixo dos 25,0% registrados em 2022.

SEGMENTO DE INSUMOS: insumos iniciam 2023 em baixa

No primeiro trimestre de 2023, o PIB do segmento de insumos do agronegócio caiu 4,19%. O resultado reflete o desempenho das atividades dos ramos agrícola e pecuário, cujas quedas foram, respectivamente, de 5,08% e 1,43% no trimestre (Tabela 1). O resultado individual de cada atividade do segmento é exibido na Figura 1.

Figura 1. Insumos: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2023/2022 com informações até março



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, IEA, Anda e Sindirações).

Considerando os dados coletados até março, a projeção indica queda de 27,01% do valor bruto da produção anual da indústria de fertilizantes e corretivos de solo. O resultado reflete a redução esperada de 1,19% da produção anual da indústria e, principalmente, a queda de 26,13% dos preços reais dos produtos, considerando os valores médios do primeiro trimestre de 2023 frente ao de 2022. Em 2022, em meio às preocupações com uma eventual crise de abastecimento de fertilizantes, devido à guerra no Leste Europeu, muitos produtores anteciparam as compras de fertilizantes. Contudo, a manutenção do fornecimento, a despeito da guerra, promoveu a formação de estoques de passagem, o que, por sua vez, provocou pressões sobre os preços dos produtos. A expectativa do setor é que os preços se mantenham estáveis, o que poderá promover o aumento do consumo de fertilizantes e, em última instância, a redução dos preços dos alimentos. Em que pese o resultado da produção nacional do primeiro trimestre deste ano, a Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANANDA) projeta crescimento da demanda para este ano.

No caso da indústria de defensivos, a projeção indica queda de 21,11% do valor bruto da produção anual, em razão da queda de 3,44% dos preços reais, na comparação entre trimestres iguais, e da redução de 18,30% da produção. Apesar da retração apontada pelos dados do IBGE, o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg) possui expectativas positivas para a indústria neste ano, em virtude da valorização do Real frente ao dólar, que pressiona os valores da matéria-prima, e da tendência de aumento da área tratada das culturas, sobretudo em meio ao desempenho positivo dos grãos.

A indústria de máquinas agrícolas foi a única cuja projeção indicou crescimento em 2023 (8,12%), impulsionada pela valorização dos preços reais na comparação entre trimestres iguais (11,35%), frente à retração esperada para a produção anual (-2,90%). A Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) prevê, de fato, queda da produção de máquinas agrícolas para este ano, devido à expectativa do mercado em relação a uma sinalização de investimentos em infraestrutura. Ainda segundo a entidade, a queda no volume de vendas que tem sido observado no setor reflete a espera dos produtores pelos recursos do Plano Safra 2023/24.

Para a indústria de rações, é esperada redução do valor bruto da produção anual (-6,58%), como resultado dos recuos dos preços reais (-3,20%), na comparação entre trimestres iguais, e da produção esperada (-3,50%). O recuo dos preços das rações para a produção de proteína animal está associado à redução das cotações da soja e do milho, importantes ingredientes, no primeiro trimestre. Em que pese o alívio gerado sobre os custos do pecuarista, deve-se atentar ao fato de que, em alguns casos, os preços recebidos ao produtor também recuaram. Ademais, apesar do alívio recente, pesquisadores do Cepea apontam que os custos de produção associados à alimentação animal ainda estão em alto patamar e têm gerado desestímulo para a permanência na atividade, nos casos da suinocultura, avicultura e produção de leite, especialmente. No caso do leite, por exemplo, segundo a equipe Leite/Cepea do Cepea, o encarecimento dos insumos iniciou em 2019 e se estendeu até o decorrer de 2022, afetando o patamar observado no primeiro trimestre do ano atual.

De maneira geral, o desempenho das atividades que compõem o segmento de insumos está diretamente relacionado às atividades do segmento primário, que serão analisadas detalhadamente a seguir. Em relação aos insumos agrícolas, com exceção da indústria de máquinas agrícolas, verificou-se queda nos preços reais, o que pode representar um afrouxamento dos custos de produção dos agricultores e melhora nos termos de troca, podendo vir a se refletir, inclusive, sobre os preços dos alimentos. No caso dos insumos pecuários, especialmente no que se refere às rações para animais, a redução dos preços pode representar um alívio para as margens dos pecuaristas, sobretudo daquelas atividades que tem sido, há um tempo, afetadas pelas altas dos custos com alimentação animal. Importante ressaltar, que apesar do arrefecimento dos custos com insumos de forma geral no primeiro trimestre de 2023, os patamares ainda são considerados altos, consequência do longo período de encarecimento nos últimos anos.

SEGMENTO PRIMÁRIO: queda nos preços refreia crescimento do PIB agrícola no início de 2023

O PIB do segmento primário do agronegócio avançou 1,38% no primeiro trimestre de 2023, reflexo do crescimento importante de 2,44% no ramo da agricultura, frente à queda de 0,47% no ramo da pecuária (Tabela 1).

No caso agrícola, embora tenha se observado queda nos preços de muitos produtos relevantes no PIB, o crescimento foi sustentado pela expectativa de uma safra recorde de grãos no campo (já praticamente consolidada no caso da soja, mas ainda em evolução para o milho e outros grãos), somada às maiores produções esperadas de diversos outros produtos, como será visto nas análises subsequentes. Ademais, também foi observada redução dos custos com insumos – em meio à queda dos preços de fertilizantes, defensivos e combustível –, o que favorece o desempenho do PIB. Já no ramo pecuário, apesar do alívio nos custos com insumos, ainda é esperada queda do valor bruto da produção real no ano – a pecuária deverá produzir mais e ampliar a sua oferta, mas os menores preços observados dos bovinos e aves para corte pressionam a expectativa do valor bruto da produção.

Especificamente, para o segmento primário agrícola, considerando-se a média ponderada das diversas culturas acompanhadas, espera-se ligeiro aumento de 0,47% do valor bruto da produção anual, com preços médios 10,69% menores no primeiro trimestre de 2023 (frente ao primeiro trimestre de 2022) e aumento esperado de 12,50% na produção. Para a produção esperada, as principais altas são para algodão, café, milho e soja. Já para os preços, as principais quedas foram para algodão, café, milho, soja, tomate e trigo.

No segmento primário pecuário, também considerando a média ponderada das atividades acompanhadas, espera-se redução 2,68% no valor bruto da produção anual. Em média, os preços no primeiro trimestre de 2023 foram 4,42% menores que os do mesmo trimestre de 2022, pressionados principalmente por bovinos e aves. Para a produção da

pecuária, a média ponderada indica avanço de 1,8%, com resultado positivo para bovinos, aves, ovos e suínos e projeção de queda de produção apenas para leite no ano.

A Tabela 3 e a Figura 2 detalham os resultados específicos do segmento por atividades agrícolas e pecuárias. Entre as culturas do segmento primário agrícola acompanhadas pelo Cepea, espera-se crescimento do valor bruto da produção em 2023 para: arroz, feijão, fumo, laranja, mandioca, soja, uva, lenha e carvão e madeira para celulose. Já as culturas para as quais se espera queda no valor bruto da produção são: algodão, banana, batata, cacau, café, cana-de-açúcar, milho, tomate, trigo e madeira em tora.

Na cultura do arroz, a expansão do valor bruto da produção esperado (9,79%) esteve atrelada às maiores cotações do produto (19,08%) na comparação de janeiro a março de 2022 e de 2023, uma vez que se espera uma redução na produção (-7,80%) – configurando-se na menor safra dos últimos 26 anos. Segundo a Conab, a queda da produção é resultado da menor área destinada à cultura, apesar da expectativa de maior produtividade – embora ainda abaixo do potencial da cultura. A Companhia atribui a redução da área aos custos de produção elevados e à substituição por outros cultivos, como milho e soja. Destaca-se que, em alguns municípios, a produtividade se mostrou bastante alta devido ao uso eficaz da tecnologia disponível, incluindo novas variedades e a implementação efetiva de um pacote tecnológico. Com relação aos preços, conforme a equipe Arroz/Cepea, a redução de área com a cultura, o clima desfavorável, os bons volumes exportados (maiores desde 2012), a demanda doméstica firme e a elevação nos preços internacionais do arroz deram sustentação aos preços domésticos no primeiro trimestre de 2023, ao contrário da sazonalidade esperada.

Para a soja, o crescimento projetado no valor bruto da produção é de apenas 1,29%, o que resultou da produção esperada 23,31% maior, visto os preços reais 17,85% menores na comparação entre janeiro a março de 2022 e de 2023. De acordo com a Conab, a expansão da produção está atrelada aos aumentos da área destinada à cultura e da produtividade, que têm registrado recordes. As boas produtividades em praticamente todas as regiões foram favorecidas pelas condições climáticas favoráveis durante o desenvolvimento das lavouras, com exceção do Rio Grande do Sul, cuja produção foi fortemente impactada pela estiagem em regiões produtoras do Noroeste e Central no estado. Com relação aos preços, a equipe Soja/Cepea evidencia que, até o começo do ano, produtores haviam negociado de forma antecipada apenas pequeno percentual da safra e, à medida em que a colheita avançou em março, esses sojicultores elevaram as vendas, o que resultou em queda do preço da soja (o produto passou a ser negociado nos níveis mais baixos desde 2020). Adicionalmente, os prêmios de exportação de soja com base no porto de Paranaguá voltaram a ficar negativos, registrando os menores patamares para um primeiro trimestre da série histórica do Cepea, iniciada em 2004. A safra recorde também está favorecendo as exportações, o que, por sua vez, limita em alguma medida o movimento de queda no preço – sendo um canal adicional de escoamento da volumosa oferta, que contribui para limitar a disponibilidade interna.

No caso da laranja, o crescimento do valor bruto da produção esperado (15,60%) é reflexo das altas nas cotações do produto na comparação entre trimestres iguais (15,01%), combinadas ao ligeiro crescimento esperado na produção anual (0,51%). Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, os maiores preços são consequência tanto da oferta restrita, resultado das elevadas temperaturas, quanto de uma expansão de demanda.

Tabela 3. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2023/2022 com informações até março

	Valor	Preço	Quantidade
Algodão	-21,68	-30,22	12,25
Arroz	9,79	19,08	-7,80
Banana	-0,93	-1,18	0,25
Batata	-3,23	-0,48	-2,76
Cacau	-6,09	-5,00	-1,15
Café	-22,98	-28,36	7,51
Cana	-3,39	-7,48	4,42
Feijão	19,92	16,45	2,98
Fumo	44,83	40,67	2,96
Laranja	15,60	15,01	0,51
Mandioca	51,56	48,42	2,12
Milho	-11,66	-20,39	10,97
Soja	1,29	-17,85	23,31
Tomate	-25,66	-27,69	2,81
Trigo	-19,06	-10,64	-9,43
Uva	16,49	5,42	10,50
Madeira tora*	-2,22	21,02	-19,20
Madeira p/ Celulose	35,24	33,37	1,40
Lenha/carvão	72,12	69,57	1,50

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, Cepea, Seagri/BA, Epagri, Consecana).

Com relação à cultura do algodão, a queda do valor bruto da produção anual esperado (-21,68%) decorre dos menores preços reais do produto (-30,22%), na comparação entre trimestres, uma vez que se espera uma maior produção em 2023 (12,25%). Segundo a Conab, o crescimento da produção deve refletir os avanços da área e da produtividade – condições climáticas adequadas até o momento têm proporcionado um bom desenvolvimento vegetativo e reprodutivo da cultura de primeira e segunda safra. Para a equipe Algodão/Cepea, a pressão nas cotações veio do grande excedente do produto no mercado brasileiro e de incertezas no cenário internacional, que limitaram as vendas de manufaturas e, então, o ritmo de produção de indústrias têxteis nacionais e internacionais.

No caso da cana-de-açúcar, os menores preços reais (-7,48%), na comparação entre janeiro a março de 2023 frente ao mesmo período de 2022, explicam a redução do valor bruto da produção esperado (-3,39%) para 2023. Já para a produção, projeta-se um crescimento de 4,42%, que, segundo a Conab, decorre das boas perspectivas sobre a produtividade na maior parte das regiões produtoras e da maior área destinada à cultura. O crescimento de área, por sua vez, é justificado pelo aumento de áreas de expansão e renovação, o que impacta diretamente na produtividade, visto que os primeiros cortes possuem um maior rendimento. Além disso, segundo a Companhia, as condições climáticas para a safra atual têm se mostrado ainda mais favoráveis em comparação com a safra anterior. Com relação aos preços da cana, a queda deve refletir os recuos observados para o etanol, conforme será discutido na seção desse relatório sobre a agroindústria.

Na cultura do café, a redução esperada no valor bruto da produção é de 22,98%, pressionada pela queda de 28,36% nos preços reais, na comparação entre janeiro a março de 2022 e de 2023, uma vez que se projeta uma produção anual 7,51% maior. Segundo a Conab, a expansão da produção se deve às maiores área em produção e produtividade, que foi favorecida

pelas condições climáticas mais favoráveis, apesar da bialidade negativa. A companhia destaca que a safra de 2022, ano de bialidade positiva, foi impactada por adversidades climáticas nas diversas regiões produtoras do país. Comparativamente à safra 2021, também ano de bialidade negativa, o resultado da presente safra é 14,7% superior. Com relação aos preços, a equipe Café/Cepea evidencia que os três primeiros meses deste ano foram marcados pela baixa liquidez no mercado cafeeiro nacional. Para a equipe, a queda nos preços só não foi maior devido a incertezas sobre a produção da nova safra no período, em especial em relação à safra do conilon no Espírito Santo.

No que se refere ao milho, o menor valor bruto da produção esperado (-11,66%) reflete a queda de 20,39% nos preços reais, na comparação entre primeiros trimestres, visto que se projeta um crescimento de 10,97% para a produção anual. Segundo a Conab, a expectativa de aumento da produção decorre da expansão da área destinadas à cultura e do crescimento da produtividade esperada, especialmente da segunda safra. Na primeira safra, na maioria das regiões produtoras, as produtividades obtidas têm superado as da safra 2021/22, sendo o destaque negativo o Rio Grande do Sul (impactado pelo clima). Quanto à área da primeira safra, houve redução – confirmando a tendência de queda no cultivo do milho no verão, devido à opção dos produtores pela soja. Com relação à segunda safra, que se encaminha para ser a maior da história, a área estimada é superior ao recorde da safra passada e o plantio foi finalizado em todas as regiões produtoras. A atenção, agora, se volta para o comportamento do clima que, até o momento, tem sido favorável. Para a terceira safra, o plantio foi iniciado em todas as regiões produtoras, sendo estimado um aumento da área em decorrência dos bons resultados da safra anterior, também segundo a Conab. Com relação aos preços, a equipe Milho/Cepea evidencia a pressão negativa nas cotações decorrente da maior oferta da safra de verão, dos bons estoques de passagem, da menor paridade de exportação e da expectativa de uma nova oferta recorde para 2023. No trimestre, a demanda doméstica também esteve menos aquecida.

Para o trigo, a redução dos preços na comparação entre janeiro a março de 2022 e de 2023 (-10,64%) e da produção esperada do ano (-9,43%) explicam a projeção de queda do valor bruto da produção (-19,06%). De acordo com a Conab, a menor produção esperada reflete a redução esperada da produtividade – projetada considerando o comportamento histórico normal para a cultura. Já para a área, há aumento esperado, atribuído a um conjunto de fatores segundo a Companhia: atraso da semeadura do milho segunda safra e consequente perda da janela ideal; expansão da cultura na Bahia – estimulada pela organização da cadeia produtiva do trigo no estado e pela construção de um moinho de beneficiamento; bom nível de retorno ao risco apresentado pela cultura; e o fato de a janela de plantio ser mais tardia, o que permite ao produtor conciliar a produção de trigo com outras culturas. Com relação aos preços, a equipe Trigo/Cepea evidencia que a queda se deveu à baixa demanda – moinhos aparentaram estar abastecidos e as vendas dos derivados estiveram fracas – e à elevada disponibilidade, após a colheita da safra recorde no país em 2022 e a disponibilização de muitos lotes do cereal no mercado *spot* nacional por conta da necessidade de liberar espaço nos armazéns para entrada da safra verão.

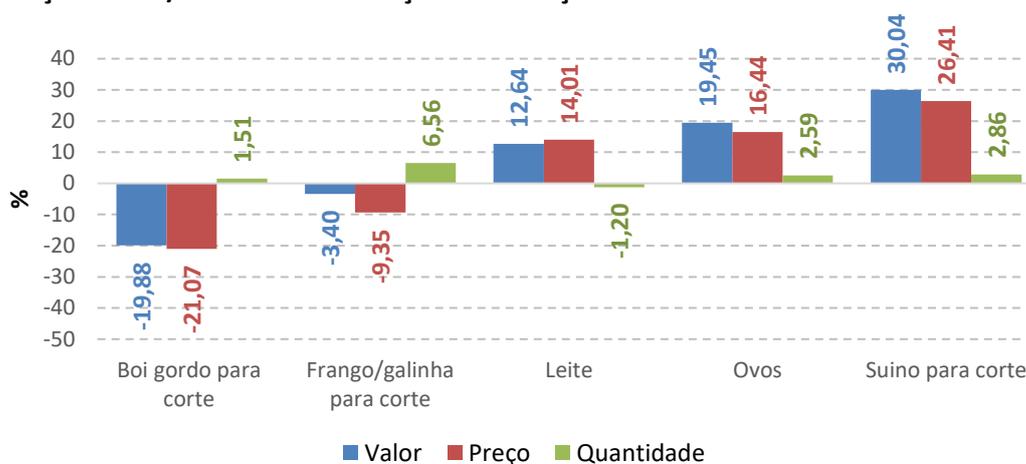
No caso do tomate, a redução de 25,66% esperada no valor bruto da produção é resultado dos preços reais 27,69% menores, na comparação entre trimestres, uma vez que se projeta um crescimento de 2,81% na produção anual. Segundo a equipe Hortifrúti/Cepea, no primeiro trimestre do ano, os preços foram pressionados para baixo pela intensificação da colheita da safra verão; entretanto, devido a intempéries climáticas e impactos de doenças ocorridas em algumas praças, o volume ofertado ficou aquém do esperado e impediu uma queda ainda maior dos preços. Em março, devido à redução oferta, atrelada proximidade do final da safra de verão e ao início ainda lento da temporada de inverno, houve elevação dos preços.

No caso da banana, preços reais levemente menores (-1,18%) na comparação entre trimestres e a quase estabilidade na produção esperada para 2023 (0,25%) explicam a ligeira queda projetada para o valor bruto da produção real (-0,93%). De acordo com a equipe

Hortifruti/Cepea, a retração do preço médio de comercialização da banana se deveu ao aumento da oferta, pois, até meados do trimestre, os bananais das principais regiões produtoras (Norte de Santa Catarina e Vale do Ribeira em São Paulo) estavam recuperando as perdas de produção verificadas nos dois últimos anos devido a entraves climáticos – vale destacar que, mesmo assim, o volume colhido nos primeiros meses de 2023 ainda esteve longe do potencial.

Na Figura 2 constam as dinâmicas observadas para o segmento primário do ramo da pecuária. Enquanto a bovinocultura para corte e a avicultura para corte apresentaram projeções de queda do valor bruto da produção anual, as demais atividades apresentaram projeções de crescimento, impulsionadas, principalmente, pelas altas dos preços reais. A seguir, apresentam-se as análises detalhadas de cada atividade do segmento.

Figura 2. Pecuária: Variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2023/2022 com informações até março



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do Cepea e IBGE).

No caso da bovinocultura para corte, a projeção indica queda de 19,88% do valor bruto da produção anual, devido à retração de 21,07% dos preços reais na comparação entre trimestres iguais. Por sua vez, é esperado aumento de 1,51% da produção anual. É importante lembrar que, no primeiro trimestre de 2022, os preços da arroba bovina estiveram em patamares bastante elevados, diante do cenário de oferta restrita no campo e demanda externa superaquecida. Contudo, no decorrer daquele ano, observou-se um arrefecimento nos preços da arroba bovina causado, de um lado, pelos investimentos que propiciaram o aumento da oferta de animais para abate; e, de outro lado, pela demanda doméstica enfraquecida. Após uma inversão da tendência baixista em dezembro, em meio ao aumento costumeiro do consumo de fim de ano, os preços do boi gordo voltaram a recuar em janeiro de 2023, dado o cenário de expansão de oferta e contração de demanda. Ao longo de fevereiro, o comportamento dos preços dava sinais de recuperação – em resposta à retração de vendedores, que preferiram aproveitar as boas condições das pastagens, mas essa foi interrompida devido às suspensões de embarques de carne bovina à China, no dia 23, após a identificação atípica de Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB) no rebanho nacional. A suspensão fez com que os frigoríficos estocassem carnes ou as direcionassem para o mercado interno, o que provocou a queda das cotações do boi gordo. Ao final de março, principalmente em função da retomada das embarcações, no dia 23, e da restrição de vendas por parte dos pecuaristas, as cotações do boi gordo reagiram (a arroba voltou a ser negociada nos patamares anteriores ao anúncio da suspensão das exportações).

Para a bovinocultura leiteira, por sua vez, a projeção indica crescimento de 12,64% do valor bruto da produção anual da atividade. A projeção se atribui, exclusivamente, à variação dos preços reais, que cresceram 14,01% na comparação entre trimestres iguais, visto o recuo

esperado de 1,20% da produção anual. A redução da produção de leite é um fenômeno que tem se observado desde 2021, conforme dados do IBGE. A redução de investimentos no campo e a desistência da atividade por parte de alguns produtores, devido aos crescentes custos de produção entre 2019 e 2022, estão entre os fatores que influenciam esse cenário atual. Para além desses sintomas estruturais, as condições climáticas adversas também respondem, em partes, pela redução da oferta de leite no campo no período. No início deste ano, por exemplo, a presença do fenômeno La Niña – que provocou chuvas intensas no Sudeste e no Centro-Oeste, onde ocorria a safra, e estiagem no Sul, onde ocorria a entressafra – inibiu o incremento sazonal na produção que, costumeiramente, ocorre nessa época do ano. Como resultado, os preços médios do leite, que costumam cair no início do ano, apresentaram um movimento atípico de alta. Embora essa variação tenha contribuído para aliviar a pressão dos custos de produção, a equipe Leite/Cepea pontua que os preços dos grãos ainda estão em elevado patamar apesar das quedas recentes, e ainda contribuindo para limitar a intenção de investimentos pelos produtores.

Para a avicultura para corte, a projeção indica queda de 3,40% do valor bruto da produção anual, provocada pela retração de 9,35% dos preços reais da proteína, na comparação entre trimestres iguais. Em contrapartida, o crescimento de 6,56% da produção, esperada para este ano, ameniza o impacto negativo dos preços. Desde setembro de 2022, observam-se quedas sucessivas dos preços médios mensais do frango vivo, o que se pode atribuir ao crescimento da oferta de animais, segundo a equipe Frango/Cepea. O estímulo à produção é, em grande medida, uma resposta às demandas doméstica e externa. No primeiro caso, em meio ao encarecimento das carnes bovina e suína e enfraquecimento do poder de compra da população, a carne de frango tornou-se mais competitiva. No segundo, os embarques da carne frango brasileira foram impulsionados pelas restrições da oferta internacional do produto – sejam por razões geopolíticas, como no caso da Ucrânia, ou por problemas fitossanitários, como no caso dos Estados Unidos e países da União Europeia, onde foram registrados casos de influenza aviária.

Para a avicultura de postura, a projeção indica crescimento de 19,45% do valor bruto da produção anual, devido à alta de 16,44% dos preços reais, na comparação entre trimestres iguais, e aumento de 2,59% da produção esperada para este ano. Embora tenha havido retração em janeiro, os preços médios mensais dos ovos foram impulsionados no decorrer do trimestre. Duas forças podem explicar esse movimento de valorização. De um lado, o mercado tem sido marcado pela restrição da oferta, resultante do desestímulo à produção de galinhas poedeiras frente aos elevados custos com insumos, especialmente farelo de milho e soja – assim como para as demais atividades pecuárias, os custos de produção ainda estão em um elevado patamar, embora a redução dos preços dos grãos no início de 2023 tenha representado algum alívio nessa pressão de custos. De outro, houve impulso à demanda por ovos no período que compreende a Quaresma, em função da restrição ao consumo de carne na tradição cristã. Com isso, conforme destacado pela equipe Ovos/Cepea, ao final do trimestre, agentes relataram não haver necessidade de conceder descontos para garantir a liquidez do mercado.

Por fim, para a suinocultura para corte, a projeção indica crescimento importante de 30,04% de valor bruto da produção anual. Este resultado reflete o aumento de 2,86% da produção esperada para este ano e, principalmente, o avanço de 26,41% dos preços reais na comparação entre trimestres iguais. É importante mencionar que os preços médios observados no primeiro trimestre de 2022 encontravam-se em patamares relativamente baixos, e foram impulsionados ao longo daquele ano. Em 2023, após queda em janeiro, o preço médio do animal vivo avançou com força em fevereiro, em resposta à restrição de oferta causada pela baixa disponibilidade de animais em peso ideal para o abate. Essa retração de oferta também esteve atrelada aos altos custos de produção após avanços dos valores dos grãos nos anos anteriores, o que levou ao abandono da atividade ou redução de plantéis por parte dos suinocultores atuantes no mercado independente com impactos na oferta atual, conforme equipe

Suíno/Cepea. Em março, a dinâmica do mercado foi oposta - enfraquecimento da demanda e expansão da oferta -, acarretando recuo do preço médio mensal.

SEGMENTO INDUSTRIAL: agroindústria apresenta estabilidade no primeiro trimestre, pressionada por preços menores

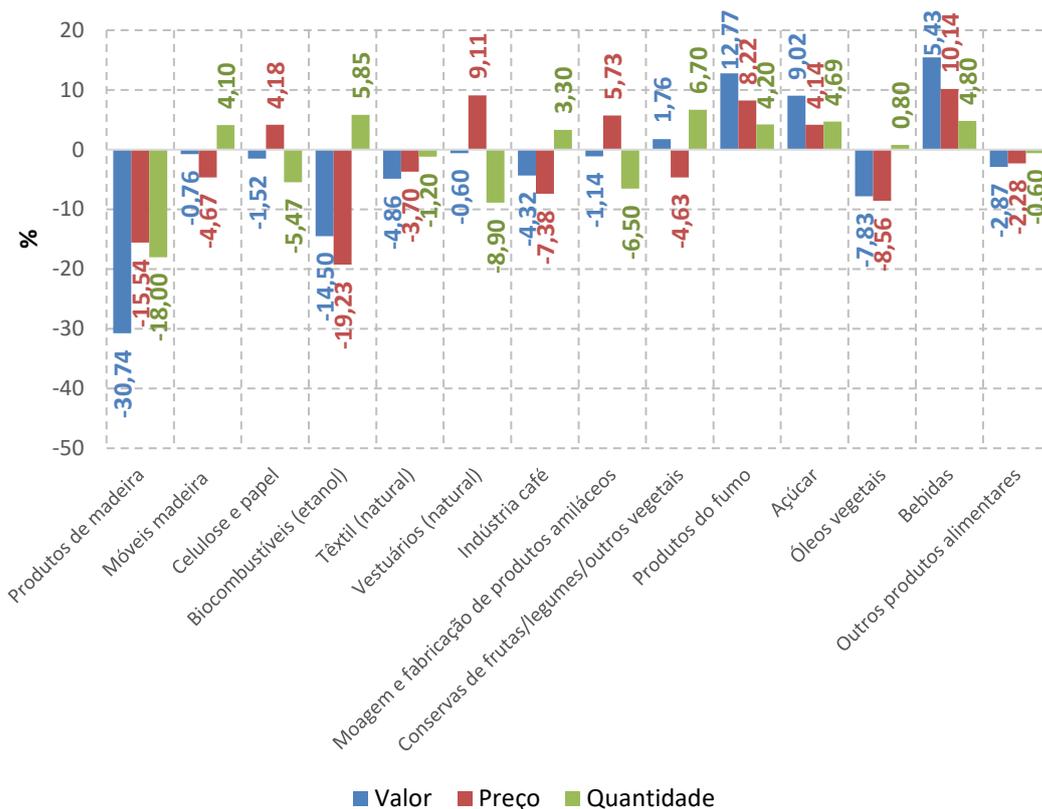
O PIB do segmento agroindustrial do agronegócio se manteve praticamente estável, apresentando ligeiro crescimento de 0,11% no primeiro trimestre de 2023. Em que pese o desempenho modesto, o resultado positivo se deveu às agroindústrias do ramo agrícola, cujo PIB cresceu 0,45%, ao passo que as de base pecuária retraíram de 1,38% (Tabela 1).

Na indústria agrícola, o PIB cresceu sobretudo devido a uma redução de custos com insumos, tendo em vista que a produção industrial registrou queda modesta e os preços dos produtos também caíram. Na indústria pecuária, apesar da maior produção estimada de carnes para o ano, o PIB também foi pressionado pelo comportamento desfavorável dos preços. Especificamente, quanto aos valores brutos da produção, no ramo agrícola, espera-se queda de 2,81% no ano, com preços médios 2,21% menores e expectativa de redução da produção em 0,61%; no ramo pecuário, a queda estimada no valor bruto da produção anual é de 3,07%, com preços 5,02% menores e aumento de 2,06% na produção.

No acompanhamento feito pelo Cepea para a evolução do PIB, as indústrias de base agrícola para as quais se espera crescimento do valor bruto da produção em 2023 são, apenas: bebidas, produtos do fumo, açúcar e conservas de frutas, legumes e outros vegetais. Já para as indústrias de produtos e móveis de madeira, biocombustíveis, celulose e papel, óleos vegetais, têxteis e vestuários, indústria do café, outros produtos alimentares e moagem e fabricação de amiláceos, espera-se queda de valor bruto da produção (Figura 3).

No caso do açúcar, a expansão esperada de 9,02% no valor bruto da produção anual é resultado tanto da produção esperada 4,69% maior quando dos preços 4,14% maiores na comparação entre trimestres iguais. De acordo com a Conab, tem havido maior direcionamento de Açúcar Total Recuperável (ATR) para a produção de açúcar, tanto pelo fato de os fabricantes terem que cumprir os contratos comercializados antecipadamente, quanto pela queda de competitividade do etanol em relação à gasolina, na maioria dos estados brasileiros. Além disso, a demanda externa tem se mantido aquecida, pois os principais países concorrentes (Índia, Tailândia e Austrália) não têm conseguido aumentar suas ofertas. Todos estes fatores tornam a produção do adoçante mais atrativa. Segundo a equipe Açúcar/Cepea, no primeiro mês de entressafra 2022/2023, os preços no mercado *spot* caíram em relação a dezembro/22, contrariando o cenário de pouca disponibilidade para as vendas na pronta-entrega. A pressão veio da baixa demanda – muitos compradores estavam abastecidos para o período, por meio de estoques ou recebendo o açúcar contratado anteriormente. Por sua vez, em fevereiro, os preços subiram, sustentados pela menor oferta do açúcar de melhor qualidade. No último mês oficial da entressafra 2022/2023, houve ligeira queda das cotações devido às condições relativamente estáveis no mercado, com compradores abastecidos para o período, enquanto a oferta de açúcar disponível para vendas adicionais foi limitada, especialmente para os tipos de melhor qualidade. No mercado internacional, os valores do demerara mantiveram-se fortalecidos no primeiro trimestre do ano, com perspectiva de baixa oferta mundial no curto prazo. A Índia e a União Europeia devem produzir menos açúcar que o indicado nas projeções iniciais, enquanto a demanda por açúcar da China deve se recuperar.

Figura 3. Agroindústrias de base agrícola: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2023/2022 com informações até março



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados Cepea, IBGE e Conab).

Com relação à produção de biocombustíveis, o menor valor bruto da produção esperado (-14,50%) decorre dos preços reais 19,23% menores na comparação entre janeiro a março de 2022 e 2023, contrapondo-se ao aumento esperado de 5,85% na produção anual. Segundo a Conab, o crescimento na produção se dá apesar da predileção das usinas pela produção do açúcar. Entretanto, destaca-se que o grande responsável pela maior produção é o etanol de milho – que deverá ter a produção acrescida em 42%. Para os preços, de acordo com a equipe Etanol/Cepea, embora tenham subido na última semana de janeiro – após o anúncio da Petrobras de reajuste da gasolina nas refinarias, o que levou algumas distribuidoras a participar mais ativamente das compras –, esse movimento não foi suficiente para reverter as fortes quedas registradas nas três semanas anteriores. Assim, mesmo janeiro sendo caracterizado pela entressafra, o mês fechou com os valores acumulando queda. Já em fevereiro e em março, houve baixa liquidez dada a pequena diferença absoluta de preços entre a gasolina C e o etanol hidratado, que deixou o biocombustível em desvantagem nas bombas.

Para a indústria de óleos vegetais, a redução do valor bruto da produção esperada (-7,83%) reflete as quedas nos preços reais (-8,56%) na comparação entre janeiro a março de 2022 e de 2023, uma vez que se projeta certa estabilidade na produção (0,80%). De acordo com a equipe Soja/Cepea, no primeiro trimestre do ano, os preços dos derivados caíram no Brasil, pressionados pela baixa demanda, sobretudo, doméstica. Consumidores de óleo de soja estiveram afastados do mercado, com dificuldades em obter margem de lucro ao repassar o preço para o produto refinado. Além disso, parte das indústrias alimentícias esteve ausente das aquisições, indicando estar abastecida para médio prazo. O enfraquecimento da demanda pelo setor de biodiesel também pressionou as cotações. Entretanto, o movimento de baixa foi limitado por expectativas de maior demanda futura para a produção de biodiesel.

A Tabela 4 apresenta as dinâmicas observadas para as atividades que compõem o segmento agroindustrial de base pecuária. Dentre as atividades, apenas a indústria de laticínios apresentou projeção de crescimento do valor bruto da produção para este ano.

Tabela 4. Agroindústrias de base pecuária: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2023/2022 com informações até março

	Couro e calçados	Abate e preparação carnes e pescado	Laticínios
Valor	-1,68	-7,05	13,07
Preço	0,44	-9,59	12,40
Quantidade	-2,50	2,63	0,60

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados Cepea e IBGE).

Na agroindústria de abate e preparação de carnes e pescado, espera-se queda de 7,05% do valor bruto da produção anual, como reflexo do recuo de 9,59% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais, ao passo que é esperado crescimento de 2,63% para a produção anual. O desempenho desta atividade está, em boa medida, alinhado ao observado para o segmento primário da pecuária. No caso das carnes bovinas, os preços da carcaça recuaram na comparação entre trimestres iguais. Vale lembrar que, no início de 2022, tinha-se um contexto de restrição de oferta de boi gordo no campo e exportações superaquecidas, o que impulsionou os preços da proteína na ocasião. Em 2023, a demanda interna enfraquecida e o incremento da oferta de animais para abate influenciaram o recuo no início do ano. A redução não foi maior devido ao bom desempenho exportador. Segundo a equipe Boi/Cepea, considerando o volume exportado entre janeiro e março, houve o segundo melhor desempenho da história, a despeito da interrupção temporária de embarques após a detecção de casos atípicos de EEB. No caso da carne de frango, o ano iniciou com oferta elevada e retração da demanda – comportamento sazonal típico. A redução dos preços de negociação do frango vivo foram parte da estratégia dos agentes para evitar o aumento dos volumes de estoques, conforme equipe Frango/Cepea. Assim, frente a dezembro, houve importante queda do preço da carne de frango em janeiro. Nos meses subsequentes, os preços da carne de frango começaram a reagir, em resposta ao aquecimento do consumo interno e externo, que enxugou a disponibilidade da proteína no mercado doméstico. Os volumes de exportação registrados em fevereiro e em março renovaram as máximas da série histórica da Secex para os respectivos meses. No caso da carne suína, o ano iniciou com demanda enfraquecida por parte dos varejistas e atacadistas, culminando na queda dos preços médios. Já em fevereiro, diante da baixa disponibilidade de animais em peso ideal para o abate, as cotações foram impulsionadas sobremaneira, mas, em março, voltaram a recuar, como forma de garantir a liquidez do mercado diante da baixa procura dos consumidores. No *front* externo, considerando o primeiro trimestre do ano, o volume de exportações de carne suína registrou recorde de série histórica da Secex, iniciada em 1997.

Na indústria de laticínios, a projeção indica crescimento de 13,07% do valor bruto da produção anual, em virtude do avanço de 12,40% dos preços reais na comparação entre trimestres iguais e do ligeiro crescimento de 0,60% da produção esperada para este ano. Após dar sinais de recuo ao final de 2022, os preços dos derivados avançaram no início de 2023. O motivo atípico da elevação neste período do ano foram condições climáticas adversas – o fenômeno La Niña – que reduziram a captação de leite no campo e encareceram a produção de laticínios. Ao final do trimestre, a valorização dos preços começou a perder força em razão de

fatores que contribuíram para o aumento dos estoques: a demanda na ponta final da cadeia ainda enfraquecida, em vista do poder de compra fragilizado da população; e o aumento importante do volume de importações de laticínios, que foi três vezes maior que o volume importado no mesmo período do ano anterior, conforme equipe Leite/Cepea.

SEGMENTO DE SERVIÇOS: agrosserviços permanecem estáveis no primeiro trimestre, com resultados opostos entre os ramos

No primeiro trimestre de 2023, o PIB dos serviços do agronegócio brasileiro cresceu apenas 0,15%, como resultado da combinação do ligeiro crescimento dos agrosserviços agrícolas (0,74%) e do recuo dos agrosserviços pecuários (-1,50%). Em geral, o resultado para este segmento está diretamente ligado ao desempenho das atividades a montante. O avanço do PIB dos agrosserviços agrícolas refletiu, em grande medida, o desempenho da agricultura dentro da porteira – em que se observou crescimento expressivo da produção de culturas importantes, como a soja, o milho e a cana-de-açúcar, por exemplo. Essa expansão do segmento se traduziu em demanda por serviços de transporte, armazenagem, comércio e outros serviços, como financeiros, contábeis, jurídicos, de comunicação, entre outros. Por sua vez, no ramo pecuário, o fraco desempenho dos segmentos de insumos, primário e agroindustrial, com valores brutos da produção pressionados essencialmente por preços desfavoráveis, também deve ter se refletido numa demanda mais enfraquecida por serviços de parte das atividades que compõem esse ramo.

CONCLUSÕES

Após retração em 2022 – num cenário de altos custos dentro e fora da porteira e de quebra na safra de soja – o PIB do agronegócio brasileiro apresentou modesto crescimento de 0,19% no primeiro trimestre de 2023. Com isso, e considerando também o desempenho da economia brasileira como um todo até o momento, o PIB do agronegócio pode responder por cerca de 24,5% do PIB do Brasil no ano, abaixo dos 25% observados em 2022.

Esse resultado do agronegócio, embora modesto, foi sustentado sobretudo pela safra recorde no campo – que, por sua vez, se reflete também em uma maior movimentação de agrosserviços no País. Ao contrário, o PIB do setor no período foi pressionado por reduções importantes de preços de vários dos principais produtos do agronegócio. Dentro da porteira, por exemplo, houve quedas significativas para algodão, café, tomate, milho, soja, trigo, boi gordo e aves para corte, e os preços também tiveram algum recuo para cana-de-açúcar, cacau, banana e batata. Nas agroindústrias, as quedas de preços mais expressivas foram registradas para o etanol, os produtos de madeira e os óleos vegetais, na agricultura, e para a indústria do abate, na pecuária.

Pela perspectiva dos ramos do agronegócio, se consideradas apenas as atividades do ramo agrícola, houve crescimento de 0,66% no PIB, ao passo que, se consideradas apenas as da pecuária, verificou-se encolhimento de 1,09%.

Já pela perspectiva dos segmentos do setor, o PIB dos insumos apresentou retração de 4,19%, com quedas nos ramos agrícola e pecuário. O desempenho desse segmento foi impactado negativamente pela queda expressiva do valor bruto da produção, pressionado sobretudo pelas desvalorizações de preços dos fertilizantes, defensivos e rações.

No desempenho geral, o segmento primário do agronegócio, cujo PIB avançou 1,38% no trimestre, destacou-se frente aos demais. Este resultado se atribui à agricultura, que teve avanço de 2,44% no PIB, impulsionado principalmente pelo incremento importante da produção, que deverá ser recorde em 2023. O PIB do segmento também foi favorecido pelo

arrefecimento dos preços dos fertilizantes e defensivos, frente a 2022. Na contramão, a redução dos preços de importantes produtos do segmento refreou o avanço do PIB do segmento. Por sua vez, o PIB do segmento primário pecuário retraiu 0,47% no trimestre. De maneira semelhante, houve expansão de produção (dos animais vivos e ovos) e redução de custos com insumos importantes para a atividade – rações, grãos, medicamentos e outros; mas, esses comportamentos, no caso da pecuária, não foram capazes de reverter o efeito negativo provocado pela queda dos preços reais dos animais, no caso, bovinos e aves para corte.

No segmento agroindustrial, a expansão modesta do PIB decorreu de crescimento para as agroindústrias de base agrícola (0,45%) e redução para as de base pecuária (-1,38%). Na indústria agrícola, o PIB cresceu sobretudo devido a uma redução de custos com insumos, tendo em vista que a produção industrial registrou queda modesta e os preços dos produtos também caíram, em média. Na indústria da pecuária, o comportamento desfavorável dos preços superou o resultado positivo em termos de avanço de produção, culminando em queda do PIB.

Por fim, o PIB do segmento de agrosserviços apresentou sutil crescimento de 0,15%. Neste caso, também houve descompasso entre os agrosserviços do ramo agrícola, que cresceram 0,74% no trimestre, e os agrosserviços do ramo da pecuária, que recuaram 1,50%. De forma geral, estes resultados refletem as dinâmicas dos segmentos a montante.

ANEXO I - EVOLUÇÃO MENSAL DO PIB DO AGRONEGÓCIO

A1) PIB DO AGRONEGÓCIO: TAXAS DE VARIAÇÃO MENSAL E ACUMULADO DO PERÍODO (EM %)

AGRONEGÓCIO						
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total	
mar/22	4,55	-0,11	-0,20	-0,31	0,12	
abr/22	4,60	-3,04	0,18	-0,56	-0,68	
mai/22	3,31	-2,00	-0,06	-0,75	-0,64	
jun/22	1,42	-1,12	-0,60	-1,26	-0,92	
jul/22	-0,31	-1,64	-0,07	-0,79	-0,87	
ago/22	1,59	-1,34	-0,47	-1,06	-0,84	
set/22	1,12	-0,59	-0,30	-0,39	-0,35	
out/22	-1,09	1,17	0,01	0,45	0,36	
nov/22	-0,59	0,51	0,22	0,54	0,34	
dez/22	0,03	-0,27	-0,03	-0,10	-0,14	
jan/23	-0,04	0,87	0,08	0,28	0,38	
fev/23	-1,18	0,27	-0,02	-0,11	-0,06	
mar/23	-3,01	0,24	0,05	-0,02	-0,13	
Acumulado (jan-mar)	-4,19	1,38	0,11	0,15	0,19	

RAMO AGRÍCOLA						
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total	
mar/22	6,13	-0,69	-0,24	-0,42	0,03	
abr/22	6,17	-4,63	0,49	-0,30	-0,62	
mai/22	4,50	-3,83	-0,03	-0,92	-0,98	
jun/22	2,13	-1,84	-0,30	-0,93	-0,86	
jul/22	0,27	-3,15	-0,16	-1,19	-1,37	
ago/22	2,50	-2,65	-0,33	-1,07	-1,05	
set/22	1,94	-1,85	-0,73	-1,19	-1,07	
out/22	-0,81	1,41	-0,29	-0,01	0,04	
nov/22	-0,41	0,83	-0,16	-0,03	0,01	
dez/22	-0,70	-0,23	-0,15	-0,42	-0,40	
jan/23	-0,09	1,26	0,03	0,31	0,44	
fev/23	-1,36	0,45	0,12	0,10	0,08	
mar/23	-3,69	0,71	0,30	0,33	0,14	
Acumulado (jan-mar)	-5,08	2,44	0,45	0,74	0,66	

RAMO PECUÁRIO						
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total	
mar/22	-0,58	1,10	0,09	0,04	0,38	
abr/22	-0,54	-0,11	-1,24	-1,36	-0,83	
mai/22	-0,15	1,25	-0,18	-0,20	0,33	
jun/22	-0,12	0,36	-1,97	-2,25	-1,10	
jul/22	-1,44	1,09	0,41	0,45	0,53	
ago/22	-0,86	1,05	-1,11	-1,05	-0,27	
set/22	-1,05	1,72	1,72	1,98	1,61	
out/22	-1,33	1,15	1,32	1,73	1,23	
nov/22	-0,56	0,29	1,91	2,14	1,22	
dez/22	3,08	-0,08	0,48	0,81	0,55	
jan/23	0,13	0,19	0,29	0,20	0,20	
fev/23	-0,62	-0,05	-0,61	-0,68	-0,43	
mar/23	-0,93	-0,60	-1,06	-1,02	-0,87	
Acumulado (jan-mar)	-1,43	-0,47	-1,38	-1,50	-1,09	

Fontes: Cepea/USP e CNA.

A2) PIB DO AGRONEGÓCIO: PARTICIPAÇÕES DOS SEGMENTOS (EM %)

AGRONEGÓCIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
mar/22	9,1%	27,0%	22,6%	41,2%	100,0%
abr/22	9,5%	25,6%	23,2%	41,8%	100,0%
mai/22	9,4%	25,4%	23,3%	41,9%	100,0%
jun/22	9,1%	25,9%	23,3%	41,7%	100,0%
jul/22	8,6%	26,0%	23,5%	41,9%	100,0%
ago/22	8,4%	26,1%	23,5%	41,9%	100,0%
set/22	8,2%	26,3%	23,4%	42,0%	100,0%
out/22	7,8%	26,9%	23,2%	42,1%	100,0%
nov/22	7,5%	27,1%	23,1%	42,3%	100,0%
dez/22	7,4%	27,2%	23,1%	42,3%	100,0%
jan/23	7,0%	29,0%	22,2%	41,8%	100,0%
fev/23	6,7%	28,7%	22,7%	41,9%	100,0%
mar/23	6,1%	28,7%	23,0%	42,2%	100,0%

RAMO AGRÍCOLA					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
mar/22	10,0%	23,0%	25,1%	41,9%	100,0%
abr/22	10,5%	21,2%	25,8%	42,5%	100,0%
mai/22	10,4%	20,8%	26,1%	42,7%	100,0%
jun/22	9,9%	21,3%	26,1%	42,7%	100,0%
jul/22	9,4%	21,3%	26,4%	42,9%	100,0%
ago/22	9,2%	21,5%	26,5%	42,9%	100,0%
set/22	9,0%	21,8%	26,4%	42,8%	100,0%
out/22	8,5%	22,6%	26,1%	42,8%	100,0%
nov/22	8,1%	23,2%	25,9%	42,8%	100,0%
dez/22	7,8%	23,6%	25,8%	42,8%	100,0%
jan/23	7,3%	26,1%	24,5%	42,1%	100,0%
fev/23	6,9%	25,4%	25,2%	42,5%	100,0%
mar/23	6,2%	25,4%	25,6%	42,9%	100,0%

RAMO PECUÁRIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
mar/22	6,4%	38,7%	15,5%	39,4%	100,0%
abr/22	6,5%	38,4%	15,6%	39,5%	100,0%
mai/22	6,5%	38,5%	15,6%	39,5%	100,0%
jun/22	6,6%	38,9%	15,4%	39,0%	100,0%
jul/22	6,4%	38,6%	15,5%	39,4%	100,0%
ago/22	6,4%	38,8%	15,5%	39,3%	100,0%
set/22	6,2%	38,4%	15,6%	39,8%	100,0%
out/22	6,1%	37,9%	15,7%	40,3%	100,0%
nov/22	6,0%	37,2%	15,9%	40,9%	100,0%
dez/22	6,2%	36,8%	15,9%	41,1%	100,0%
jan/23	6,1%	36,9%	16,0%	41,0%	100,0%
fev/23	6,1%	37,8%	15,8%	40,4%	100,0%
mar/23	6,1%	37,9%	15,7%	40,4%	100,0%

Fontes: Cepea/USP e CNA.

A3) PIB - VOLUME DO AGRONEGÓCIO: TAXA ANUAL (EM %)*

PIB Volume do Agronegócio					
	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-5,65	15,79	-0,95	5,43	5,98
Ramo Agrícola	-6,55	24,19	-1,36	7,32	7,99
Ramo Pecuário	-2,69	1,82	0,78	0,28	0,75

Fontes: Cepea/USP e CNA. *dados de março.

- Nota técnica: O PIB Volume do Agronegócio trata-se do PIB do agronegócio calculado pelo critério de preços constantes. Resulta, portanto, a variação apenas do volume do PIB. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

A4) PIB DO AGRONEGÓCIO - METODOLOGIA

O Relatório PIB do Agronegócio Brasileiro é uma publicação atualmente trimestral resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária primária, agroindústria (processamento) e agrosserviços – como na Figura que segue. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.



Pelo critério metodológico do Cepea/Esalq-USP, o PIB do agronegócio é medido pela ótica do produto, ou seja, pelo Valor Adicionado (VA) total deste setor na economia. Ademais, avalia-se o VA a preços de mercado (consideram-se os impostos indiretos menos subsídios relacionados aos produtos). O PIB do agronegócio brasileiro refere-se, portanto, ao produto gerado de forma sistêmica na produção de insumos para a agropecuária, na produção primária e se estendendo por todas as demais atividades que processam e distribuem o produto ao destino final. A renda, por sua vez, se destina à remuneração dos fatores de produção (terra, capital e trabalho).

Após estimado o valor do PIB do agronegócio no ano-base, que desde janeiro/17 refere-se ao ano de 2010, parte-se para evolução deste valor de modo a se gerar uma série histórica, por meio de um amplo conjunto de indicadores de preços e produção de instituições de pesquisa e governamentais. Seja para a estimação anual do valor do PIB, ou para as reestimativas trimestrais, consideram-se informações a respeito da evolução do Valor Bruto da Produção (VBP) e do Consumo Intermediário (CI) dos segmentos do agronegócio. Pela evolução conjunta do VBP e do CI, estima-se o crescimento do valor adicionado pelo setor.

Com base nos procedimentos mencionados e processos adicionais realizados pelo Cepea, os cálculos do PIB do agronegócio resultam em dois indicadores principais, que retratam o comportamento do setor por diferentes óticas:

- **PIB-renda Agronegócio** (PIB analisado pelo Cepea e pela CNA em seus relatórios): reflete a renda real do setor, sendo consideradas no cálculo variações de volume e de preços reais, sendo estes deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional.
- **PIB-volume Agronegócio**: PIB do agronegócio pelo critério de preços constantes. Resulta daí a variação apenas do volume do PIB. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

Trimestralmente, o foco de análise é o **PIB-renda Agronegócio**, que reflete a renda real do setor. **Por conveniência textual, o PIB-renda do agronegócio é denominado apenas como PIB do Agronegócio ao longo destes relatórios.** Destaca-se que as taxas calculadas para cada período consideram igual período do ano anterior como base, exceto para as quantidades referentes às safras agrícolas, para as quais computa-se a previsão de safra para o ano (frente ao ano anterior).

Importante também destacar que cada relatório considera os dados disponíveis até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, há a possibilidade, portanto, de ocorrer alteração dos resultados, tanto no que se refere ao período corrente, como também ao que se refere a períodos e anos passados. **Recomenda-se, portanto, sempre o uso do relatório mais atualizado.**

Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil - CNA:

Bruno Barcelos Lucchi - Diretor Técnico

Maciel Aleomir da Silva - Diretor Técnico Adjunto

Núcleo Econômico

Renato Conchon - Coordenador

Elisângela Pereira Lopes - Assessora Técnica

Isabel Mendes de Faria - Assessora Técnica

Guilherme Augusto Costa Rios - Assessor Técnico

Gustavo Vaz da Costa - Assessor Técnico

Maria Angélica Echer Ferreira Feijó - Assessora Técnica

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - CEPEA:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Ph.D - Coordenador científico do Cepea

Nicole Rennó Castro, Dra. - Coordenadora técnica do projeto

Pesquisadores Macroeconomia:

Gabriel Costeira Machado, Dr.

Felipe Miranda de Souza Almeida, Me.

Adriana Ferreira Silva, Dra.

Arlei Luiz Fachinello, Dr.